A língua como prática humana: desdobramentos das relações entre língua e sociedade

Carolina Knack*

Resumo

O presente texto, de caráter ensaístico, apresenta uma leitura prospectiva do artigo de Émile Benveniste intitulado Estrutura da língua e estrutura da sociedade, o qual integra a obra Problemas de Linguística Geral II. Considerando a indissociável implicação entre linguagem, homem e sociedade, discute-se a concepção de língua como "prática humana", assim nomeada por Benveniste em seu artigo. A reflexão construída evidencia que tal concepção de língua decorre da relação constitutiva do falante com seu discurso e com a sociedade, destacando-se o alcance social da enunciação. Desse modo, entende-se haver, no artigo do linguista, elementos que revelam uma maior explicitação da abertura da teorização benvenistiana para o exame desse aspecto e, consequentemente, para a formulação de deslocamentos teóricos, metodológicos e analíticos para a abordagem de distintos fenômenos de linguagem.

Palavras-chave: Língua. Interpretância. Sociedade. Discurso. Enunciação.

Introdução

Este texto, formulado por ocasião do II Colóquio Leituras de Émile Benveniste, ocorrido em agosto de 2018, tem o propósito de apresentar uma leitura prospectiva do artigo Estrutura da língua e estrutura da sociedade, texto proferido por Émile Benveniste em 1968, em um congresso em Milão, e publicado na parte III, Estruturas e Análises, de Problemas de Linguística Geral II.

Parto das palavras iniciais de Benveniste (2006, p. 220) no artigo *A forma e o sentido na linguagem* para confessar que, "De minha parte, tendo cometido a imprudência de aceitar o convite para falar" neste *Colóquio*, diante de pesquisadores de longa data e que são meus

Data de submissão: set. 2018 - Data de aceite: out. 2018

http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v14i3.8583

Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (Furg). Doutora e Mestra em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). E-mail: carolinaknack@gmail.com

mestres e minha inspiração, "para justificá-la não me resta [restou] outra forma senão aumentá-la com outra imprudência" (BENVENISTE, 2006, p. 220): a escolha por discutir o artigo *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*.

Conhecemos a complexidade desse texto: a densa (contra)argumentação, as enumerações e seus desdobramentos configuram ideias cujo alcance ainda estamos por avaliar. Se assumi o risco de abordar esse complexo texto, é porque o considero peça fundamental para ampliar horizontes nos estudos enunciativos benvenistianos. E assim o vejo na medida em que entendo nele haver um redimensionamento da reflexão enunciativa para o campo social. Em outras palavras, pode-se dizer que o alcance social da enunciação é, mais explicitamente, tematizado nesse texto, no qual Benveniste (2006, p. 101) afirma que, por meio do ato de enunciar, "o homem se situa e se inclui em relação à sociedade", ele ocupa uma posição na sociedade, o que, por sua vez, desdobra uma rede de relações que irá determinar os modos de enunciação.

De certa maneira, o artigo condensa pressupostos já enunciados em outros textos do linguista, como a indissociável implicação entre linguagem, homem e sociedade, revelando a visada de uma antropologia da linguagem em Benveniste. Ono (2007), inclusive, considera esse texto como um artigo síntese. Porém, eu também o compreendo como um texto de abertura, para usar um termo de Nor-

mand (1996), ou seja, um texto que permite prospectar caminhos teóricos, metodológicos e analíticos. Essa *abertura*, que denuncia a amplitude da teorização benvenistiana, pode ser entrevista, como o sabemos, de diferentes maneiras na obra do autor. No contexto do artigo que escolhi, eu a situo a partir da concepção de *língua como prática humana* – assim nomeada pelo linguista –, como buscarei mostrar neste texto, ligando essa noção ao aspecto social que decorre da relação constitutiva do falante com seu discurso.

Abordar esse aspecto – que refiro como alcance social da enunciação - não é uma novidade para nós que temos nos debrucado intensamente sobre os textos benvenistianos. No entanto, para muitos, menos atentos à amplitude da teorização do autor, Benveniste ainda é visto apenas como "o linguista das marcas da subjetividade na língua/na linguagem" (TEIXEIRA, 2012, p. 66), e cujas análises, ainda que sejam consideradas "inovadoras por levarem em conta a hipótese da subjetividade" (TEIXEIRA, 2012, p. 66), são entendidas como encerradas no âmbito intralinguístico. Estrutura da língua e estrutura da sociedade mostra--nos justamente que, partindo da consideração do "duplo sistema relacional da língua" – que diz respeito às oposições eu-tu e eu-tu/ele – chegamos à noção de língua como prática humana, caminho pelo qual considero possível alçar a reflexão ao domínio do social, carregando o domínio do linguístico, como buscarei demonstrar, o que gera implicações para a abordagem de variados fenômenos de linguagem.

Feita essa contextualização, que situa o recorte de minha leitura de *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, também esclareço que, metodologicamente, optei por explorar relações internas a esse artigo, sem relacioná-lo a outros de autoria de Émile Benveniste. Sem perder de vista a constatação de que "ler Benveniste é ver-se constantemente convocado a uma espécie de coautoria" (TEIXEIRA, 2012, p. 68), reitero que essas linhas que agora escrevo dizem mais de mim e de meus (ou de nossos) anseios, que do Mestre. Passemos, então, ao exame do texto.

A noção de língua como prática humana e suas implicações

Em Estrutura da língua e estrutura da sociedade, Benveniste (2006, p. 93) busca "examinar as relações entre duas grandes entidades que são respectivamente a língua e a sociedade." Segundo o linguista, a maneira pela qual "o problema essencial da situação da língua na sociedade" (BENVENISTE, 2006, p. 95) fora debatido até então - ora a língua como independente da sociedade e da cultura inerente a esta, ora a língua como espelho da sociedade - não nos aproximaria muito de uma "solução". Buscando ultrapassar uma "visão simplista" desse problema, o autor observa que, antes de mais nada,

É preciso tomar consciência das implicações que trazem a noção de língua e a de sociedade quando se toma de empreitada compará-las (BENVENISTE, 2006, p. 95).

Isso porque, segundo Benveniste, muitas confusões são decorrentes da falta de clareza quanto a essas concepções. Portanto, tomo tal advertência como ponto de partida para a reflexão que aqui proponho.

Operando uma "primeira distinção" entre os termos língua e sociedade, Benveniste (2006, p. 96) mostra, de um lado. que existem "a língua como sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação" e a "sociedade como coletividade humana, base e condição primeira da existência dos homens" - essas acepções integram o que ele nomeia de nível fundamental; de outro lado, existem "a língua como idioma empírico, histórico, a língua chinesa, a língua francesa, a língua assíria" e "a sociedade como dado empírico, histórico", a sociedade chinesa, a francesa e a assíria (BENVENISTE, 2006, p. 96) – essas acepções integram o que ele nomeia de nível histórico.

Considerando que "o problema das relações possíveis entre a língua e a sociedade se coloca em cada um destes dois níveis" (BENVENISTE, 2006, p. 96), o linguista afirma que, no nível histórico, não se pode estabelecer correlação entre língua e sociedade como "um signo de necessidade"; já no fundamental percebem-se homologias: língua e sociedade são ambas realidades inconscientes para o indivíduo, são o meio e a expressão natural e são sempre herdadas.

Se recupero esse raciocínio é porque o julgo imprescindível para compreender o estatuto da língua face à sociedade e, mais, adiante, para deslocar essa reflexão para o ponto que elegi como recorte para este texto. Benveniste mostra que a relação entre língua e sociedade não é estrutural, não é tipológica e não é histórica/genética (no sentido de uma nascer em função da outra). Trata-se de uma relação semiológica, a da língua como interpretante e a da sociedade como o seu interpretado por excelência. Essa é a sua proposição.

Esse caráter de interpretância, o qual não aprofundarei neste texto, deve-se às propriedades semânticas das quais a língua é investida. Esse é, segundo Benveniste, o "âmago do problema". O linguista explica, então, o que faz a língua assumir essa "posição de interpretante": ser formada de unidades significantes (o que diz respeito à sua natureza); ser possível arranjar essas unidades de maneira significante (o que diz respeito a seu emprego); e ser possível combinar tais unidades de uma certa maneira (o que diz respeito à sintagmatização como laço entre as duas propriedades anteriores).

Penso que um exemplo dessa "posição de interpretante", desse papel de "fazer existir o interpretado e transformá-lo em noção inteligível" (BENVENISTE, 2006, p. 98) pode ser a *designação* tal como Benveniste a aborda neste artigo, ao comparar o que é comum à língua e à sociedade no nível fundamental.

Nesse nível, o fundamental, nem língua nem sociedade, concebidas como

"condição primeira da comunicação" e "base condição primeira da existência dos homens" (BENVENISTE, 2006, p. 96), podem ser mudadas pela vontade dos homens. O que muda, e o que os homens podem mudar, segundo Benveniste (2006, p. 96), "o que eles efetivamente mudam através da história" são as instituições e as crescentes atividades sociais. Portanto, muda a sociedade concebida como dado empírico, e não o princípio da coletividade humana, base e condição da existência dos homens. Essa "diversificação constante, crescente das atividades sociais, das necessidades, das noções, exige designações sempre novas" (BENVENISTE, 2006, p. 96). Portanto, com novas designações a língua muda, mas "jamais [muda] seu sistema fundamental", base e condição primeira da comunicação. De fato, mais adiante no artigo, o autor reitera:

[...] a língua pode acolher e nomear todas as novidades que a vida social e as condições técnicas produzem, mas nenhuma destas mudanças reage diretamente sobre sua própria estrutura (BENVENISTE, 2006, p. 98).

Diante desse raciocínio, pergunto: essas mudanças que o homem opera na e pela história, ligadas às atividades sociais, às instituições, à vida social, como anuncia Benveniste, são relacionadas ao nível histórico/empírico? Entendo que sim. Então, a designação me parece um processo que fura a fronteira entre os níveis fundamental e histórico, já que implica ambos, encontrando sua base na língua como sistema de formas significantes entrelaçada à vida social.

Trata-se de uma maneira de ver como "a língua engloba a sociedade de todos lados e a contém em seu aparelho conceitual" (BENVENISTE, 2006, p. 100), ao mesmo tempo em que instaura o que o linguista refere como "semantismo social". Essa parte da língua, segundo ele, "consiste [...] principalmente mas não exclusivamente, em designações, em fatos de vocabulário" (BENVENISTE, 2006, p. 100).

No entanto, obviamente,

O estado da sociedade numa época dada não aparece sempre refletido nas designações de que ela faz uso, pois as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram (BENVENISTE, 2006, p. 100).

Logo, a "diversidade de referências" que se pode dar a um termo é "o testemunho e a condição de emprego das formas", o que resulta na constatação de que há "variação da referência na estabilidade da significação" (BENVENISTE, 2006, p. 100).

Se a designação, como fato de vocabulário, liga-se arbitrariamente a um referente/realidade, isso só pode se instaurar pelo funcionamento referencial do discurso, portanto pela referência (não limitada a fatos de vocabulário), que cria sentido. Nesse momento, não faço mais que apontar a inter-relação entre os elementos dessa constelação terminológica que, a meu ver, evidencia o "poder de transmutação da experiência em signos e de redução categorial" da língua, (BENVENISTE, 2006, p. 100), o que faz "A sociedade torna[r]-se signifi-

cante na e pela língua" (BENVENISTE, 2006, p. 98).

Mais uma vez, friso: recupero a reflexão sobre a *designação*, vendo-a como um *índice* das implicações entre língua e sociedade, porque, mais adiante, retornarei a esse raciocínio para conectá-lo à concepção de *língua como prática humana*.

O fato é que, embora Benveniste não se alongue na discussão que articula designação e fatos de vocabulário ao semantismo social – porque, segundo ele, "este é o aspecto que é melhor explorado da relação da língua com a sociedade" (BENVENISTE, 2006, p. 100) –, seus apontamentos são imprescindíveis para compreender a situação paradoxal da língua com respeito à sociedade, fundamentada nisso que é de ordem extensiva a toda a coletividade e singular na produção individual do falar.

Se "cada um fala a partir de si" e "para cada falante o falar emana dele e retorna a ele", o que permite que cada um se determine "como sujeito com respeito ao outro ou a outros", isso só é possível porque a língua "fornece ao falante a estrutura formal de base, que permite o exercício da fala" (BENVENISTE, 2006, p. 101), em outras palavras, "Ela fornece o instrumento linguístico que assegura o "duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso" (BENVENISTE, 2006, p. 101). Subjetivo, porque eu se coloca em relação a tu, ambos categoria de pessoa – e a capacidade de o locutor propor-se como sujeito consiste na subjetividade –, e referencial porque eu e tu, juntos, opõem-se a *ele*, categoria de *não pessoa*, efetuando a operação da referência e fundamentando "a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a alocução" (BENVENISTE, 2006, p. 101).

Vemos que as bases da teorização enunciativa são aqui retomadas, mas para serem, em seguida, redimensionadas explicitamente em sua relação com a sociedade, com o campo do social. Vejamos como: da oposição *eu-tu* e da oposição *eu-tu*/*ele* decorre "o fundamento sobre o qual repousa o duplo sistema relacional da língua" (BENVENISTE, 2006, p. 101). E, nesse ponto, Benveniste assevera:

Aqui aparece uma nova configuração da língua que se acrescenta às outras duas que eu sumariamente analisei: é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação. (BENVENISTE, 2006, p. 101).

Dessa citação, destaco, por ora, o seguinte trecho: "aqui", isto é, considerando o "duplo sistema relacional da língua" explicado nos parágrafos antecedentes, Benveniste indica que "aparece uma nova configuração da língua que se acrescenta às outras duas" que ele analisou. Findada a leitura desse segmento, minha primeira questão é: que outras duas configurações da língua foram sumariamente analisadas por Benveniste?

Minha hipótese interpretativa é de que se trata das "duas acepções do termo língua" (BENVENISTE, 2006, p. 96), as-

sim referidas à página 96: "a língua como idioma empírico, histórico" e "a língua como sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação". Essas seriam, em meu entendimento, as duas configurações anteriormente exploradas.

Sustento essa leitura na ocorrência de outra acepção do termo língua, uma terceira, a de língua como prática humana (BENVENISTE, 2006, p. 102), que aparece após Benveniste situar o que seria essa "nova configuração da língua". Voltarei a essa definição mais adiante. Antecipo que essa noção de língua como prática humana parece dar relevo aos aspectos sociais implicados no uso da língua. Não quero dizer, com isso, que esse aspecto seja algo que é dado em acréscimo à língua. Ele está na sua própria constituição. Entendo haver, sim, uma ênfase nesses aspectos.

Retorno à citação sob análise: ao explorar o duplo sistema relacional da língua (a oposição *eu-tu* e *eu-tu/ele*, que gera o "duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso"), Benveniste mostra que esse fundamento denuncia

[...] a inclusão do falante em seu discurso, [o que gera uma] consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação (BEN-VENISTE, 2006, p. 101, grifo nosso).

Ou seja, como efeito do funcionamento subjetivo e referencial do discurso a pessoa é colocada na sociedade como dela participante. Continua Benveniste (2006, p. 101-102) no parágrafo seguinte:

Desta vez o homem se situa e se inclui em relação à sociedade e à natureza e ele se situa necessariamente em uma classe, seja uma classe de autoridade ou uma classe de produção.

Denunciaria esse efeito um funcionamento (na falta de um termo mais bem pensado) também *social* do discurso? Penso que esse ponto permite redimensionar a reflexão de base linguístico-enunciativa para o campo não linguístico, o campo do social, sem prescindir de tal base.

Essa interpretação pode ser respaldada, por exemplo, pelo que apontam Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault (2015) na apresentação da obra Langues, cultures, religions, a qual reúne um conjunto de artigos de Benveniste. Laplantine e Pinault, ao agruparem tais textos, neles constataram um ponto convergente: os artigos realçavam uma dimensão da obra de Benveniste que ultrapassava a "estrita especialização linguística", incidindo sobre a "dimensão antropológica do discurso". Essa constatação faz coro ao posicionamento de outros autores, que defendem uma visada antropológica da linguagem na reflexão benvenistiana, como Dessons (2006), apenas para citar um exemplo. Laplantine e Pinault (2015) destacam esse aspecto ligado ao âmbito do discurso e sinalizam que, nos textos que reuniram, o estudo da significação implicava, sobretudo, as "posições sociais dos locutores", o que, segundo compreendo, está também presente em Estrutura da língua e estrutura da sociedade, apontando para a dimensão antropológica do discurso: o que há, no discurso, são efeitos dessas posições sociais. Logo, a dimensão antropológica da linguagem em Benveniste pode ser visualizada na abordagem do discurso por um viés que implica a sociedade, as posições sociais.

Especificamente em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, parece-me que a referida "nova configuração da língua", a da língua como prática humana, que "coloca a pessoa na sociedade enquanto participante" também alude a essa dimensão antropológica do discurso, que, por sua vez, dá relevo a essa *terceira concepção de língua*, frente às outras duas concepções que foram analisadas (como idioma empírico e como sistema de formas significantes).

Finalmente, chego a essa terceira concepção e, para explorá-la, recupero os dois parágrafos dos quais extraio os principais pontos de ancoragem de minha interpretação:

Aqui aparece uma nova configuração da língua que se acrescenta às outras duas que eu sumariamente analisei: é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação. Desta vez o homem se situa e se inclui em relação à sociedade e à natureza e ele se situa necessariamente em uma classe, seja uma classe de autoridade ou uma classe de produção. A língua, com efeito, é considerada aqui [nessa nova configuração] enquanto prática humana, ela revela o uso particular que os grupos ou classes de homens fazem da língua e as diferenciações que daí resultam no interior da língua comum (BENVENIS-TE, 2006, p. 101-102, grifos nossos).

O que está em jogo quando se considera a língua como prática humana? Eis a pergunta para a qual, neste texto, apenas ensaio algumas respostas, inspirando-me no que argumenta Benveniste. O linguista explica que a língua como prática humana mostra o "uso particular" que os falantes dela fazem e ilustra isso com o fenômeno da apropriação de termos pelas classes ou grupos sociais, os quais relacionam termos à sua esfera de interesse, a eles atribuindo "referências específicas", de tal modo que esses termos passam a carregar "valores novos", introduzindo na "língua comum" diferenciações lexicais (BENVENISTE, 2006, p. 102). Reencontramos, aqui, o semantismo social, por meio do exemplo de Benveniste acerca do vocabulário do sagrado na língua dos pontífices romanos, isto é, de "vocabulários especializados", os quais são caracterizados tanto por termos específicos quanto por

[...] maneiras específicas de arrumá-lo[s], um estilo particular, em suma os caracteres de uma apropriação da língua comum, realizada ao dotá-la de noções, de valores novos (BENVENISTE, 2006, p. 102).

Isso se configura na língua atualizada em discurso, expressão singular de distintos grupos, "para os quais seu universo é o universo por excelência".

Nesse ponto, recupero a reflexão sobre a designação: pela "diversificação constante, crescente das atividades sociais, das necessidades", a qual exige "designações sempre novas" (BENVENISTE, 2006, p. 96), podemos ver como língua e sociedade estão implicadas. Assim, com-

preendo que o fenômeno da designação está sob a égide dessa terceira concepção de língua, a de língua como prática humana, que *fura* e *desestabiliza* as fronteiras entre os níveis fundamental e histórico, níveis que Benveniste derivou das outras duas acepções de língua na relação com duas acepções de sociedade.

De fato, há "diferentes tipos de relações que unem a língua à sociedade, que são próprios a esclarecê-las uma através da outra" (BENVENISTE, 2006, p. 102). Benveniste (2006, p. 102) afirma que recorreu "sobretudo ao mecanismo que permite à língua tornar-se o denominador, o interpretante das funções e das estruturas sociais" e que há outras possibilidades de comparações, menos visíveis, sendo necessário "levar muito mais longe a teoria para torná-las frutuosas" (BENVENISTE, 2006, p. 102). O autor ainda aponta, na sequência do artigo, "noções de base" que permitiriam entrever analogias entre o funcionamento da língua e os princípios da atividade social, ligadas pela noção de valor que põe em relação língua e economia (analogia revelada já por Saussure). Por ora, não me debruço sobre esse aspecto, apenas sinalizo a abertura que Benveniste promove para "irmos além do ponto a que ele chegou" na análise das relações entre língua e sociedade.

Não por acaso, ele indica, prospectivamente, no último parágrafo de seu texto, que "É na prática social, comum no exercício da língua, nesta relação de comunicação inter-humana que os traços comuns de seu funcionamento deverão ser descobertos" (BENVENISTE, 2006,

p. 104), de modo que compreendo ser a concepção de língua como prática humana um ponto de ancoragem que permite visualizar a condição singular do falante como participante da sociedade.

Conclusão

Ao tomar como ponto de partida a advertência de Benveniste (2006, p. 95) de que "É preciso tomar consciência das implicações que trazem a noção de língua e a de sociedade quando se toma de empreitada compará-las", almejei dar a ver uma terceira concepção de língua inscrita no texto do autor, tendo me limitado, neste momento, a sinalizar apenas algumas implicações de caráter intrateórico.

O percurso interpretativo aqui empreendido evidencia que a noção de língua como prática humana pode ser um ponto de ancoragem para formular caminhos teóricos, metodológicos e analíticos em direção à abordagem de variados fenômenos de linguagem, dentre os quais me interessam aqueles que dizem respeito ao contexto de ensino-aprendizagem de língua(s), como texto, leitura, escrita, avaliação, apenas para citar alguns. Esses objetos congregam

aspectos complexos do discurso que incluem fenômenos limite cuja repercussão social é inegável, que exigem da linguística partir de um quadro formal da enunciação, mas que a impede de se manter no interior desse quadro, dada a complexidade que têm (FLORES; TEIXEIRA, 2013, p. 6).

Abordá-los sob o viés enunciativo é possível justamente porque

[...] a Teoria da Enunciação por ele [Benveniste] desenvolvida ultrapassa o âmbito da análise intralinguística para atingir outros horizontes, na direção das atividades significantes dos homens em qualquer tipo de interação social (TEIXEIRA, 2012, p. 62).

Na leitura que construí, entendo que tratar dos efeitos sociais da tomada da língua pelo locutor já revela esse transbordar da linguística benvenistiana, que é, na sua essência, arquitetada sobre a relação constitutiva do eu e do outro, do indivíduo e da sociedade. Assim como a significação não é algo que seja dado em acréscimo à língua, pois está na sua própria natureza, como afirma Benveniste em A forma e o sentido na linguagem, assim também vejo "o aspecto social" do qual falei. O que me parece, no entanto, é haver, em especial em Estrutura da língua e estrutura da sociedade, uma maior explicitação da abertura para o exame desse aspecto.

Por isso, das proposições exploradas em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, vejo grande potencial para desdobramentos na concepção de língua como prática humana, porque penso que ela evidencia o alcance social da enunciação.

Diante disso, pergunto: quais implicações decorrem da noção de língua como prática humana quando se toma de empreitada produzir deslocamentos das bases da teorização benvenistiana para colocá-la em relação com outras áreas, em distintos campos da atividade social, na direção de problemáticas que têm repercussão social, sem perder de vista o estatuto de interpretância da língua?

Essa questão mostra um caminho aberto para trilharmos, um caminho que revela que a busca por "transitar com Benveniste para o âmbito do discurso socialmente situado" (TEIXEIRA, 2012. p. 62) exige a noção de deslocamento teórico-metodológico, a qual denuncia o protagonismo do pesquisador, na medida em que é este quem se responsabiliza pelo ato enunciativo que ressignifica o dizer de base do teórico de referência e a partir do qual deriva elementos para não só empreender estudos descritivos e explicativos da língua-discurso sob o prisma de seu funcionamento enunciativo, mas também "produzir conhecimento sobre o homem", pois o que se sabe sobre a linguagem é indissociável daquilo que se sabe sobre o homem, como defende Dessons (2006). Eis a língua como prática humana.

La langue comme pratique humaine : déploiements des relations entre langue et société

Résumé

Cet essai présente une lecture prospective de l'article d'Émile Benveniste intitulé « Structure de la langue et structure de la société », qui intègre l'ouvrage « Problèmes de Linguistique Générale II ». Considérand l'implication indissociable entre le langage, l'homme et la société, on discute de la conception de langue comme « pratique humaine », ainsi nommée par Benveniste dans cet article. La réflexion construite souligne que cette concepion de langue découle de la relation constitutive du parlant avec son discours et

avec la société, ce qui détache la portée sociale de l'énonciation. On comprend qu'il y a, dans l'article du linguiste, des éléments qui révèlent une explication plus grande de l'ouverture de la théorisation benvenistienne pour l'examen de cet aspect et, par conséquent, pour la formulation de déploiements théoriques, méthodologiques et analytiques pour l'approche de phénomènes du langages distincts.

Mots-clés: Langue. Interprétance. Société. Discours. Énonciation.

Referências

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

DESSONS, Gérard. Émile Benveniste, l'invention du discours. Paris: Éditions in Press, 2006.

FLORES, Valdir do N.; TEIXEIRA, Marlene. As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades de Émile Benveniste. *ReVEL*, edição especial, n. 7, 2013.

LAPLANTINE, Chloé; PINAULT, Georges-Jean. Émile Benveniste: langues, cultures, religions. Limoges, France: Éditions Lambert-Lucas, 2015.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S.; PARLATO, E.; RABELLO, S. *O falar da linguagem*. São Paulo: Editora Lovise, 1996.

ONO, Aya. La notion d'enonciation chez Émile Benveniste. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

TEIXEIRA, Marlene. Um olhar enunciativo sobre o discurso. In: DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci Borges. *Enunciação e discurso*: tramas de sentidos. São Paulo: Contexto, 2012.